

5 JUN 1987

duo pag 1
GAZETA MERCANTIL

Restrição ao capital

por Célia de Gouvêa Franco
de São Paulo

A apresentação na Assembléia Constituinte de propostas que limitam a atuação das empresas estrangeiras no País — com o debate, inclusive, sobre a possibilidade de se criar reserva de mercado também para o setor de química fina — está provocando uma retração nos investimentos do exterior.

Algumas empresas estrangeiras, com projetos prontos, esperam uma definição das novas regras sobre o capital externo para decidir se vão ou não investir no País.

A informação é do novo presidente em São Paulo da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, Christopher Lund, presidente do grupo Lund de Editoras Associadas, eleito na semana passada e que

tomou posse ontem em um almoço com cerca de 250 executivos.

As propostas em discussão na Constituinte, como a que pretende criar uma definição para o que seja empresa nacional, são hoje a principal preocupação da Câmara Americana, que representa 650 empresas, responsáveis por US\$ 10 bilhões de investimentos externos no País.

David Benadof, diretor da J. I. Case, que passou o cargo de presidente da Câmara Americana para Lund, ontem, foi ainda mais contundente ao manifestar sua ansiedade em relação à Constituinte: "A reserva de mercado é o pior desestímulo ao investimento", disse, lembrando que o Brasil pode ficar muito atrasado nas áreas de tecnologia de ponta pelas restrições que já criou ao capital estrangeiro e poderão ser ampliadas na Constituinte.

Em princípio, essas teses, que tanto preocupam os empresários estrangeiros, deverão continuar avançando na Constituinte. O encarregado de elaborar o anteprojeto sobre Ciência, Tecnologia e Comunicação, deputado Paulo Alberto de Barros (o Artur da Távola), do PMDB do Rio, evita adiantar a tendência do texto que deve apresentar até a próxima segunda-feira.

Mas disse ao editor Andrew Greenlees, deste jornal, em Brasília, que o anteprojeto será "muito na linha do que foi aprovado" anteriormente — ou seja, o anteprojeto da Subcomissão de Ciência, Tecnologia e Comunicação, considerado por alguns como estati-



Christopher Lund

Mas, para ele, o conflito não se explica apenas como um embate entre conservadores e progressistas, mas sim como um choque da aliança entre o Estado e a empresa nacional contra a tese de abertura ao capital exterior.

Lund acredita que, ao final dos debates da Constituinte, vencerá o "bom senso" dos brasileiros. E, como crê que pessoas bem informadas tomam sempre a decisão correta, ele reforçará o trabalho da Câmara Americana no sentido de divulgar o papel do capital estrangeiro como fundamental para o crescimento do País. "Se a idéia é crescer, há necessidade do investimento estrangeiro", resume.

Ele não estranha, porém, os debates sobre o capital externo na Constituinte: "Depois de apenas dois anos de democracia, todos querem participar do processo de decisão".

(Ver páginas 5 e 6)

zante, mas que ele considera ter fortalecido a empresa nacional.

Para Artur da Távola, o princípio da reserva de mercado e a caracterização do que seja empresa nacional serão, de fato, os pontos de maior atrito nos debates da sua comissão.